PRÓLOGO

Excerto do Interrogatório Oficial da Polícia a Margaret Chase e Ethan Wyatt

25 de dezembro

Sra. Chase: Bem, é claro que tenho o sangue dele nas minhas mãos.
Sr. Wyatt: Foi só um arranhão.
Sra. Chase: É óbvio que não o tentei matar.
Sr. Wyatt: A Maggie gosta mais de amar do que…
Sra. Chase: Se eu o tivesse tentado matar, ele estaria morto.
Sr. Wyatt: Ela é uma pessoa tão boa. [*O Sr. Wyatt dá uma palmadinha no coração.*] Aqui mesmo.
Sra. Chase: Claro que não estou ofendida por me estar a acusar de homicídio. Ofende-me é que pense que eu seria má nisso.
Sr. Wyatt: É uma questão de orgulho profissional. Ah! Espere. Isso era uma piada. Pode escrever que eu estava…
Sra. Chase: Devia ter-nos separado, sabe? Não devíamos estar juntos para isto. Não é que estejamos juntos! Oh, não! Não somos um *nós*. Ele é *ele* e eu sou *eu* e nós não somos…
Sr. Wyatt: Somos colegas.
Sra. Chase: Prefiro némesis. Némesis é uma palavra muito melhor.
Sr. Wyatt: É um grande mercado, e nós apelamos a diferentes… já disse que estão a adaptar um dos meus livros num filme?

Sra. Chase: Desculpem, mas continuamos mesmo aqui sentados, sem fazer nada? Estou mesmo a usar esta camisola ridícula, a responder a estas perguntas ridículas quando ela está…
Inspetora Patel: Porque não começa pelo início?
Sr. Wyatt: Eu… uh… não percebo a pergunta.
Inspetora Patel: Quando é que começou?
Sr. Wyatt: Oh. Começou…
Sra. Chase: No elevador.

CAPÍTULO *Um*

Uma Semana Antes

Só quando as portas do elevador se abriram é que Maggie se apercebeu de que estava prestes a ficar cara a cara com as três coisas de que menos gostava no mundo:

O Natal. Uma festa. E o Maldito Ethan Wyatt.

Por um momento, ela ficou ali parada, perante a cacofonia das canções de Natal e da conversa a desvanecer-se num zumbido baixo, enquanto olhava através das portas abertas para o ar presunçoso na sua cara presunçosa — para o seu casaco de couro, que faz parte da sua imagem de marca, e para o fio de luzes cintilantes enrolado à volta do pescoço como um cachecol. Tinha um gorro de Pai Natal na cabeça e, claro, um exemplar de *Cavaleiro Silencioso* (*best-seller* do *New York Times*!) nas mãos. O facto de ser apenas um recorte de cartão e não o homem em si deveria ter suavizado o golpe para Maggie, mas foi tudo o que ela conseguiu fazer para não lhe dar um murro nos dentes de cartão.

No mínimo, devia ter carregado no botão e feito com que as portas do elevador se fechassem mais depressa — e talvez o tivesse feito se uma voz não tivesse gritado:

— Meu Deus, estás aqui!

Foi então que Maggie percebeu que tinha cometido um erro terrível.

Devia ter fugido quando teve a oportunidade, pelo elevador. Através do átrio. Depois, para as ruas frias e cheias de gente de Midtown Manhattan, sete dias antes do Natal. Devia ter saído dali — e teria saído — se o Ethan de cartão não a tivesse distraído. Mas agora era

demasiado tarde e duas mãos minúsculas, mas enganadoramente fortes, arrastavam-na para fora do elevador e para o grande átrio da Killhaven Books.

— A Shellie apostou cinco dólares em como aparecias, e aqui estás tu! — Deborah teve de levantar a voz para se fazer ouvir, porque, sim, havia uma festa a decorrer. *Uma festa de Natal.* E Maggie tinha acabado de entrar mesmo para o meio dela. Uma árvore piscava, música tocava e a sala estava a rodopiar. Só um bocadinho. — Maggie? — A voz de Deborah estava mais próxima. Mais suave.

— Sabes, é um milagre que não haja mais homicídios no Natal.

— Oh, lá vamos nós — murmurou Deborah, mas Maggie não tirou os olhos do Ethan de cartão.

— Pensa bem. Pessoas que se odeiam amontoadas em divisões quentes com demasiado álcool. Tesouras e instrumentos de estrangulamento espalhados por todo o lado.

— Instrumentos de estrangulamento?

— Tu sabes… Luzes. Enfeites de Natal. Aposto que se podiam fazer estragos a sério com grinaldas. — Apesar de tudo, Maggie sentiu-se animada com as possibilidades. — Até o azevinho é venenoso.

— Para os cães — acrescentou Deborah.

— Em quantidades suficientemente grandes, *toda a gente é* um cão — disse Maggie, virando-se lentamente para a mulher ao seu lado.

Deborah Klein tinha um metro e cinquenta e cinco de poder. Cabelo grisalho. Fato Chanel. E olhos que tinham visto de tudo durante os seus quarenta e nove anos de ascensão da sala de correio à mulher mais temida do sector editorial.

— Digo tudo isto porque vou *assassinar-te*.

— A quem? A mim? — Deborah levou uma pequena mão ao peito.

— Sim, a ti! *É só um almoço, Maggie. Precisas de sair de casa, Maggie. Precisamos de falar de* marketing*, Maggie.*

— Primeiro, eu não falo assim.

— Falas exatamente assim.

— E segundo…

— Isto é uma festa, Deborah. Há uma árvore feita de livros de bolso ali mesmo. Metade do departamento de *marketing* está a fazer *karaoke*.

E… — Maggie interrompeu-se quando se apercebeu… — O Lance VanZant está literalmente a usar uma *T-shirt* que parece um *smoking*.

Deborah dispensou as palavras com um gesto.

— O Lance VanZant escreveu um livro meio decente há nove anos. Ninguém quer saber do Lance VanZant.

— Então e ele? — Maggie apontou para o Ethan de cartão e Deborah teve o bom senso de fazer cara de culpada.

— Disseram-me que não é exatamente à escala.

Mas depois ocorreu um pensamento a Maggie.

— Oh. Posso ficar com ele quando isto acabar? Sempre quis aprender a atirar facas.

A boca de Deborah estava a abrir-se, lentamente, como se não soubesse o que dizer, quando uma mulher passou, dizendo:

— Feliz Natal, Maggie!

Ela era nova e Maggie achava que o seu nome era Jen. Provavelmente era Jen. Estatisticamente falando, um terço das mulheres que trabalhavam em editoras chamava-se Jen, mas Maggie não estava a pensar com muita clareza porque a sala estava demasiado barulhenta depois de um ano de silêncio constante. Tinha demasiada gente. E Maggie, que nunca tinha gostado de multidões ou de festas, sentiu as mãos a tremer.

— Vamos arranjar-te qualquer coisa para comer. — Deborah tinha uma mão no cotovelo de Maggie. Ela conseguia senti-la através do seu casaco estilo Joan Wilder, acolchoado e demasiado quente numa sala apinhada. Sempre achara que era um excelente casaco para se esconder, mas Deborah continuava lá, a sussurrar perto do seu ouvido. — Desculpa. Já passou um ano e eu pensei… Fica cinco minutos. Por mim. Desculpa ter-te enganado para vires, mas temos mesmo de falar sobre uma coisa.

Maggie começava a vacilar. Ela já tinha gastado cinquenta dólares em bilhetes de comboio e táxis, e perdido um dia inteiro de trabalho, por isso talvez não fosse assim tão mau. Afinal de contas, não tinha de ir *à* festa. Só tinha de caminhar *pela* festa, e ela conseguia fazer isso. Ela caminhava todos os dias há um ano — há quase trinta anos. Conseguia chegar ao escritório de Deborah.

Mas, então, o elevador soou. As portas abriram-se e uma voz grave gritou:

— Ho! Ho! Ho! — Primeiro, ele viu o recorte. — Bem, quem é este tipo bonito? — Depois, viu-a a ela. — Olá! É bom ver-te, Marcie!

E Maggie começou a procurar um enfeite de Natal pontiagudo.

Capítulo Dois

Maggie nem sempre detestou o Natal. Houve uma altura em que adorava as luzes, os presentes e as árvores. Sabia a letra de pelo menos trinta canções de Natal diferentes e costumava cantá-las em julho. Tinha uma camisola com uma rena que levava sempre para a escola na segunda-feira a seguir ao Dia de Ação de Graças. (O nariz iluminava-se? Sim, sim, iluminava. Ela usava-a assim? Sem dúvida.)

Maggie, de doze anos, fazia bolachas e organizava Pais Natais Secretos e aterrorizava a mãe com perguntas de várias partes, como (1) *Porque é que não temos uma família grande?* e (2) *Porque é que não passamos o Natal com a nossa grande família (fictícia)?* e (3) *Será que a reunião fictícia desta família fictícia pode ter lugar num local que tem sempre neve?*

Mas Maggie era filha única, tendo nascido tarde na vida de pais também filhos únicos. Maggie nem sequer tinha avós e, no Texas, estava quase sempre demasiado calor para nevar.

Portanto, o problema não era o facto de Maggie odiar o Natal; o problema era que o Natal odiava Maggie. Todas as coisas terríveis que lhe aconteceram, ocorreram no meio de canções e luzes de Natal e, com o tempo, Maggie não teve alternativa senão começar a levar isso para o lado pessoal.

O seu cão fugiu quando ela tinha treze anos. Quando tinha dezasseis, o carro deles incendiou-se e, no dia seguinte, todos os presentes desapareceram de debaixo da árvore. Uma semana depois, o carro estava de novo a funcionar e Maggie nunca fez uma única pergunta.

No seu último ano de secundário, *chegou* a nevar, mas metade do estado ficou sem eletricidade e Maggie passou o feriado encolhida à frente da lareira com os pais, torcendo para que a água não congelasse.

Claro que, na altura, ela não sabia que aquele seria o último Natal que teriam juntos. Brincava com o facto de que o próximo ano seria melhor — dizendo aos pais que tinham de esperar que ela voltasse da faculdade para montar a árvore e embrulhar os presentes.

Mas doze meses depois, os seus pais tinham partido e Maggie estava sozinha e…

— Tenho de ir.

Deborah empurrou-a para uma cadeira e passou para o outro lado da secretária.

— Tens de te sentar.

— Olha… — Maggie começou a levantar-se. — Agradeço o que estás a tentar fazer, mas não sou muito boa em festas, por isso é melhor pormos a conversa em dia depois do ano novo, está bem? Vamos…

— Senta-te. — Deborah não levantou a voz. Não precisava de o fazer. Quando não passava de uma estagiária de dezanove anos, Deborah tirara o melhor escritor policial de sempre da pilha de lixo, por isso, quando Deborah sussurrava, as pessoas ouviam. Mesmo as pessoas que detestavam o cheiro a hortelã-pimenta, *eggnog* e pinho.

— Tenho uma surpresa para ti. — Deborah ajeitou-se na sua cadeira de couro e atirou algo para a pilha de manuscritos que rodeava a sua enorme secretária. Era apenas um envelope, quadrado e da cor de casca de ovo, mas, por alguma razão, Maggie quase teve medo de lhe tocar.

— Oh. Receio que eu… uh… não fiz postais este ano.

— Tu nunca fazes postais e eu também não. Isto não é da minha parte.

O envelope era pesado na mão de Maggie quando ela o agarrou. O papel era liso e macio e… caro. O envelope parecia caro em todos os sentidos da palavra. O nome dela estava rabiscado na frente com a caligrafia mais imaculada que já vira. *Sra. Margaret Chase.*

— Bem. Abre-o — desafiou Deborah.

Maggie virou o envelope para quebrar o lacre na parte de trás. O cartão no interior era ainda mais suave.

Está cordialmente convidada para…

— Não.

— Ainda nem sequer o leste!

Maggie não podia deixar de se lamentar:

— Enganaste-me para vir a uma festa só para me convidares para outra?

O riso de Deborah era quase maníaco.

— Oh, isso não é um convite, querido Charlie. É o teu bilhete para a fábrica de chocolate.

Maggie conhecia Deborah há quase nove anos, mas nunca a tinha visto assim: entusiasmada, manhosa e quase voraz. Imaginou que era esta a expressão de Deborah, com dezanove anos, quando tirou o primeiro manuscrito de Eleanor Ashley da pilha no chão da sala de correio. Como uma mulher cujo plano maléfico estava apenas a começar.

— Foste convidada para ir a casa do teu maior fã para passar o Natal.

— Deborah…

— Em Inglaterra! — disse Deborah com um floreio, como se isso tornasse tudo melhor e não infinitamente pior. — Todas as despesas pagas. Agora, antes que me digas que estou louca…

— Estás louca! Preciso de te lembrar que escrevo mistérios?

— E então?

— Então, os meus fãs gostam de homicídios! E assassinos! E…

— O teu último livro era sobre uma mulher cujo gato conseguia cheirar veneno.

— Ei! *O Crime Purrrrfeito* vendeu muito bem no Brasil — disse Maggie.

Mas Deborah estava determinada. Não havia um brilho provocador nos seus olhos, nem uma pitada de malícia.

— Eu posso atestar pessoalmente as boas intenções deste fã em particular. E digo-te — ela baixou a voz —, tu *queres* entrar nesse avião. Estás mesmo a *morrer de vontade* de entrar nesse avião.

Maggie passou um dedo sobre o papel pesado. Era de facto um belo convite.

— Não quero passar o Natal com estranhos — admitiu; e os olhos de Deborah ficaram mais suaves.

— Então com quem vais passar o Natal? Porque tu sabes que eu sou uma velha sem coração, mas quando penso em ti a andar por aquele apartamento minúsculo sozinha…

— Tenho um prazo a cumprir. — Maggie segurou as palavras como um escudo.

— Eu sou a tua editora e decidi alargar o teu prazo.

— Mas eu…

— Não tens nada planeado para o Natal, pois não? — Deborah olhou para a porta aberta. Os sons da festa eram um ruído baixo ao longe, mas ela avançou, com os braços sobre a secretária. Era uma postura que gritava: *não ouviste isto de mim*. — Olha, não quero dar-te esperanças, mas para o ano vai haver uma coisa. Muito grande. Muito secreta. E acho que és a pessoa certa para o trabalho. Mas preciso que *entres naquele avião*.

Maggie dedilhou o lacre na parte de trás do envelope.

— Que tipo de fã leva o seu autor favorito para outro país durante as festividades?

— O tipo com dinheiro e bom gosto para livros.

— Isto não pode ser seguro.

— É.

— Isto não pode ser inteligente.

— Oh. — Deborah riu-se. — É.

— Isto não pode ser…

— Maggie. Querida. Escritora mais prolífica e profissional que conheço… digo isto com amor. Digo-o com bondade. Digo isto no mais verdadeiro espírito das festividades: precisas de arranjar uma vida.

Deborah nunca a tinha aconselhado mal — nem uma única vez em nove anos e dezenas de livros. Deborah acreditava nela. Queria o melhor para ela. Deborah era o mais próximo que Maggie tinha de uma família, o que era talvez a única coisa mais triste do que não ter família nenhuma. E tudo o que Maggie podia fazer era olhar para a sua mentora, que nunca seria sua mãe, e respirar fundo.

— Talvez. Mas isso não quer dizer que eu tenha de ter um Natal.

— Está bem. — Deborah recostou-se. — Então como é que será a tua próxima semana e meia? Vais ficar sentada, a pensar no teu antigo

marido e na tua antiga melhor amiga a desembrulharem presentes na tua antiga casa?

Alguns poderiam pensar que as palavras eram cruéis, mas Maggie reconheceu-as pelo que eram: um desafio e uma provocação. Era a sua deixa para começar a lutar, mas tudo o que conseguiu fazer foi esboçar um meio sorriso e as palavras:

— Presentes que compraram com o meu antigo dinheiro. Não te esqueças dessa parte.

Olhou de novo para o envelope, imaginando campos nevados e corrimões decorados com grinaldas, corais de Natal e trenós puxados por cavalos, porque, evidentemente, para Maggie, os Natais ingleses passam-se inteiramente em adaptações da BBC.

— Não. Eu… eu não devia.

— O que deves fazer, Margaret, é confiar em mim.

O que Maggie não disse foi que não tencionava voltar a confiar em alguém. Sobretudo em si própria.

Capítulo *Três*

Doze Anos Atrás

Não era como se os pais de Maggie não quisessem uma família grande. Era mais como se nunca tivessem aprendido a ter uma. Eles já eram mais velhos quando Maggie nasceu e, às vezes, ela tinha a sensação de que eles eram como os empregados de um restaurante, prontos para fechar e ir para casa e ela chegara cinco minutos antes de fechar.

Por isso, não deveria ter sido uma surpresa quando, duas semanas depois de se mudar para uma residência no norte de Nova Iorque, os pais de Maggie puseram a sua pequena casa no Texas à venda. Compraram um apartamento na Flórida e dois carrinhos de golfe iguais que nenhum deles sabia conduzir e, nesse ano, Maggie passou o Dia de Ação de Graças a comer sandes de peru secas e a dormir num colchão insuflável rodeado de caixas por desempacotar.

Ela já estava de volta ao *campus*, sozinha no seu quarto, quando recebeu a chamada de um estranho que lhe contou sobre o acidente.

Estava sozinha quando voltou à Flórida para arrumar o apartamento, vender os carrinhos de golfe e enviar meia dúzia de caixas para um armazém não muito longe do *campus*.

Estava sozinha quando o rapaz do Gabinete da Vida Residencial lhe explicou: «Lamento, mas os estudantes não podem ficar nas residências durante as férias de inverno.»

Porque o Natal estava a chegar. Claro que estava. O Natal estava *sempre* a chegar, mas Maggie não podia voltar para a Flórida; e não podia voltar para o Texas. E, provavelmente, não podia ficar no armazém

onde tinha colocado as fotografias de família, os pratos bons e setenta e sete romances de Eleanor Ashley.

— Mas eu tenho de ficar aqui — implorou ela ao funcionário que olhava para ela por cima de uma caixa gigante com o nome *Grinaldas e Cenas*.

— Não podes — disse o rapaz, como se a universidade a tivesse admitido por engano. Como se ninguém pudesse ser assim tão estúpido.

— Não. Não me podem expulsar só porque é Natal. Eu vivo aqui. É aqui que eu vivo.

— Olha, eu sei que é uma merda e que os pais são os piores, mas a maioria das pessoas vai para casa. — Ele olhou para ela como se a solução fosse óbvia e inevitável. — Devias ir para casa.

Depois virou-se, levantando a caixa como se esta tivesse o peso do mundo — como se nenhum estudante universitário tivesse tido de suportar um fardo maior — e Maggie sentiu a garganta a arder.

— Mas e se… — Ela nunca precisara de dizer as palavras em voz alta antes. — E se não tiveres uma? — A voz dela falhou, os olhos lacrimejaram e talvez por isso ele não tenha percebido bem quando olhou para trás por cima do ombro.

— O quê?

— Os meus pais morreram e os carrinhos de golfe não eram reembolsáveis e eu preciso do dinheiro do apartamento para as propinas.

Ela tinha dito tudo muito depressa — como se fossem desculpas que ele tivesse de ouvir a toda a hora — e, de repente, o Ryan da Vida Residencial deixou de olhar para ela como se ela fosse estúpida e começou a olhar para ela como se ela fosse maluca. E também digna de pena. O que não fazia mal. Naquele momento, pena era quase tudo o que ela tinha a seu favor.

— Eu não posso ir para casa. — Ela passou uma mão pelos olhos, como se pudesse empurrar as lágrimas para dentro. Quando isso não funcionou, ela desviou o olhar. — Eu não tenho uma.

— Olha, eu sinto muito. Mas… — A voz dele estava mais baixa, mais suave. Mais próxima. — Desligam o aquecimento e cortam as luzes. Não há comida. Não há *calor*. São três semanas. Não se pode ficar aqui, literalmente.

Ele tinha razão, claro. O calor era o fator decisivo, o que significava que ela teria de mergulhar nas suas escassas poupanças e arranjar um motel. Talvez um Airbnb. Ela podia arranjar um emprego em *part-time*. Talvez ir ao aeroporto mais próximo e começar a fazer-se passar por familiares há muito desaparecidos, na esperança de que alguém tivesse pena dela e a levasse para casa. Era isso ou…

— Podias vir para casa comigo — disse uma voz por detrás dela.

E foi assim que ela conheceu Emily.

E esse foi o início de tudo.

Até mesmo o fim.